

DOCENTES HOMENS: ANÁLISE DE RELATOS DE PRECONCEITO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PLATAFORMA DO TIKTOK

MALE EDUCATORS: ANALYSIS OF REPORTS OF PREJUDICE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION ON THE TIKTOK PLATFORM

Vinícius Benites de Souza¹

Resumo:

Este artigo analisa vídeos de professores homens na Educação Infantil publicados na plataforma digital *TikTok*, com foco em relatos de preconceito ligados a questões de gênero. Esse estudo teve por objetivo compreender de que forma professores homens que atuam na Educação Infantil compartilham suas vivências e percepções por meio de vídeos publicados no *TikTok*, sobretudo no que se refere às questões de gênero e ao preconceito que enfrentam no exercício da docência. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada por meio da análise de alguns conteúdos publicados por docentes de Educação Infantil, do gênero masculino, entre 2022 e 2025, em seus perfis públicos no *TikTok*. Após a análise de vídeos selecionados, os resultados evidenciam que professores homens que atuam com crianças pequenas enfrentam constantes julgamentos, desconfiança das famílias e resistência social, mesmo ao exercerem seu trabalho com afeto e responsabilidade. As experiências revelam o peso dos estereótipos e a urgência de promover debates sobre masculinidades e respeito à diversidade na formação docente e nas instituições de ensino.

Palavras-Chave: Professor homem; Educação Infantil; Preconceito; Masculinidade; *TikTok*.

Abstract:

This article analyzes videos of male teachers in Early Childhood Education published on the digital platform *TikTok*, focusing on reports of prejudice related to gender issues. The study aims to understand how male teachers share their experiences and perceptions through content posted on *TikTok*, especially regarding the prejudices they face in their teaching practice. This qualitative research was carried out through the analysis of videos published between 2022 and 2025 on public profiles of male Early Childhood Education teachers. The results indicate that these professionals often face constant judgments, family distrust, and social resistance, even when carrying out their work with affection and responsibility. The experiences highlight the weight of stereotypes and the urgent need to foster debates on masculinities and respect for diversity in teacher education and educational institutions.

Keywords: Male educators; Early Childhood Education; Prejudice; Masculinity; *TikTok*.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS/Câmpus de Naviraí. Bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET Pedagogia e Ciências Sociais. E-mail: vinicius.b.souza@ufms.br, sob orientação da Prof.^a. Dr.^a. Josiane Peres Gonçalves.

Introdução

A presença de homens na Educação Infantil ainda é um tema pouco debatido, cercado por estigmas e desconfianças, na qual muitos desses professores enfrentam julgamentos constantes por estarem em um espaço historicamente associado ao cuidado feminino. Nota-se que o exercício da docência de homens nesse ambiente é reduzido e pouco estimulado por parte dos gestores ou das próprias instituições, devido ao fato de a escola desempenhar um papel central na transmissão de cultura, conhecimento, valores e educação, seria esperado que ela criasse um espaço no qual a sociedade, em diálogo com os professores, pudesse refletir criticamente e desenvolver maneiras mais inclusivas e menos preconceituosas de lidar com um tema tão sensível e complexo (Silva; Martins, 2016).

Embora haja a expectativa de educar com responsabilidade e afeto, muitos docentes do gênero masculino precisam lidar com suspeitas infundadas que afetam seu trabalho e autoestima. Diante do contexto de crescimento das redes sociais, especialmente o *TikTok*, muitos desses profissionais passaram a usar o ambiente digital para compartilhar vivências, desabafos e críticas. Por meio de vídeos curtos, eles expõem as dificuldades enfrentadas no cotidiano da docência e esses relatos ajudam a perceber como a masculinidade ainda é vista de forma limitada quando associada ao cuidado infantil.

Considerando que o ambiente da Educação Infantil está fortemente associado com o cuidar e à maternidade (Monteiro; Altmann, 2014), a inserção e presença de docentes homens nesse ambiente causa incômodo e desconforto aos pais e a outras profissionais, por associar a figura masculina à sua incapacidade de cuidar. Além disso, o “medo de que os profissionais homens pratiquem alguma violência contra as crianças faz com que famílias e gestão das instituições proponham a separação do trabalho, destinando o que homens e mulheres devem realizar” (Ramos et al., 2020, p. 71). De fato, esse medo causa desconforto, limita a presença dos homens nas atividades diárias e afeta a forma como eles são vistos como educadores na Educação Infantil.

A visão de que o homem oferece perigo às crianças, ainda é reforçada, sobretudo com a ideia equivocada de que ele não controla seus instintos, age de forma agressiva e rude, sendo associado a um estilo de masculinidade rígida e tóxica. Essas crenças contribuem para a construção de barreiras internas e externas no contexto da Educação Infantil, pois reforçam a ideia de que ele seria incapaz de exercer cuidados delicados e afetivos com crianças pequenas (Silva; Martins, 2016). Essa percepção não só desconsidera a formação profissional adquirida

pelo docente, como também influencia a própria atuação do professor, que muitas vezes, sem perceber, reproduz esses padrões e limita sua presença no ambiente pedagógico. Outrossim, por ser minoria em uma profissão vista historicamente como feminina, os homens acabam sujeitos a falsas suposições sobre sua motivação, competência e interesse pelo cuidado infantil, perpetuando a evasão masculina do magistério (Araujo; Hammes, 2015).

Dessa forma, esta pesquisa se dá a partir da análise de alguns vídeos publicados na plataforma *TikTok* por docentes do gênero masculino que atuam na educação infantil, no período de 2022 a 2025, trazendo à tona os preconceitos enfrentados por professores homens na Educação Infantil. A partir da análise, procura-se entender como os estigmas de gênero afetam suas trajetórias e quais mudanças são urgentes nas instituições escolares.

Metodologia

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, tem como finalidade compreender de que forma professores homens que atuam na Educação Infantil compartilham suas vivências e percepções por meio de vídeos publicados na plataforma *TikTok*, especialmente no que se refere às questões de gênero e ao preconceito que enfrentam no exercício da docência. A escolha por essa rede social se deu pelo fato de que muitos educadores têm utilizado o espaço digital para expressar sentimentos, contar experiências e, muitas vezes, expor as dificuldades e os julgamentos enfrentados por serem homens em um campo profissional ainda marcado por fortes expectativas de gênero (Turato, 2022).

A coleta de dados foi realizada por meio de seleção de vídeos de professores que se identificam como homens e que atuam na Educação Infantil, considerando apenas publicações feitas em perfis públicos, entre os anos de 2022 e 2025, e que estejam em língua portuguesa. Foram selecionados vídeos que trouxeram falas, relatos ou encenações que abordem a prática pedagógica, o relacionamento com as crianças e com as famílias, as interações com colegas de trabalho e, sobretudo, situações em que o preconceito ou os estigmas relacionados ao gênero masculino estejam presentes. O número de vídeos incluídos foi definido pelo critério de saturação, isto é, quando os dados passaram a se repetir e não trouxeram novas informações relevantes.

O processo de análise dos vídeos foi realizado em três etapas principais: a leitura inicial e a escolha dos vídeos que fizeram parte do corpus da pesquisa; a organização dos dados em categorias temáticas, como identidade de gênero, estigmas sociais, enfrentamento do

preconceito e experiências de acolhimento ou exclusão; e, por fim, a interpretação dos resultados à luz de autores que discutem gênero, masculinidade e o trabalho docente.

Homem na Educação: Masculinidades e Preconceitos

A presença de homens na Educação Infantil ainda enfrenta barreiras culturais e sociais que se manifestam em forma de preconceitos e estereótipos ligados às masculinidades. Para Santos (2021, p. 10) a masculinidade é um conceito que “é produzido ao longo do tempo com base nas apropriações que crianças e jovens realizam das relações de gênero”, mostrando que não se trata de algo fixo ou biológico, mas sim de um processo histórico e cultural que reflete as normas e valores da sociedade em determinada época.

A masculinidade hegemônica tende a deslegitimar outras formas de ser homem, como no caso dos professores da Educação Infantil, muitas vezes associados a formas de masculinidade subordinada. Esse cenário é atravessado por preconceitos – entendidos como ideias formadas sem fundamento sério, que geram intolerância e opinião desfavorável sem base objetiva (Priberam, 2025) –, que sustentam a suspeita sobre a presença masculina em espaços de cuidado e educação de crianças pequenas. Ao reconhecer a masculinidade como uma construção histórica e relacional, torna-se possível problematizar os papéis de gênero atribuídos socialmente, e refletir sobre como eles contribuem para a exclusão e desvalorização de homens que atuam na Educação Infantil (Santos, 2021).

O magistério, especialmente no Brasil, é uma profissão tradicionalmente associada à figura feminina, e quando exercida por homens, é muitas vezes interpretada como sinal de fragilidade ou desvio de padrões (Araujo; Hammes, 2015). Nesse sentido, Miranda (2003, p. 54) destaca que “atividades como o magistério integram as chamadas masculinidades subordinadas”, pois não correspondem ao ideal hegemônico do homem forte, provedor e distante do cuidado, além da relação com a cultura e as instituições, a construção das masculinidades também se desenvolve em campos de poder marcados por desigualdades. Nesse sentido:

Um outro ponto que consideramos é se homens atuando em atividades associadas ao gênero feminino não sofrem algum tipo de discriminação por não estarem representando a masculinidade padrão, visto que os homens se definem em oposição ao que é socialmente instituído como feminino (Miranda, 2003, p. 41).

É possível perceber um aspecto central das discussões sobre gênero na Educação Infantil, ao destacar o conflito entre as expectativas sociais e a identidade masculina, evidenciando que homens que atuam em profissões ou atividades tradicionalmente associadas ao feminino, podem sofrer discriminação. Isso costuma acontecer justamente por não corresponderem ao modelo de masculinidade socialmente aceita, afetando diretamente a atuação dos docentes homens e limitando sua presença, sua atuação pedagógica e a percepção sobre sua competência profissional.

Conforme Santos (2021), a masculinidade é construída tanto na relação entre homens e mulheres quanto entre os próprios homens, atravessada por questões como raça, idade e sexualidade. Assim, muitas vezes os professores homens são vistos com desconfiança quando atuam na Educação Infantil, sendo julgados não apenas por sua competência pedagógica, mas também pela sua orientação sexual ou pela possibilidade de representar alguma ameaça às crianças pequenas. Essa instabilidade das masculinidades ajuda a compreender por que os homens ainda enfrentam resistência ao ocupar espaços tradicionalmente vistos como femininos, como o da educação de crianças pequenas, colocando em foco a forma que a sociedade percebe os papéis de gênero dentro da Educação Infantil, revelando a necessidade urgente de discutir essas representações com mais profundidade. Pois ainda se tem a ideia de que:

A relação professor homem e criança é uma ligação não sancionada socialmente ao gênero masculino. Por várias razões. A primeira, diz respeito à docência ser um espaço associado ao gênero feminino pelos motivos que já foram expostos. Dentre eles, temos o cuidar da criança que é tradicionalmente vinculado à mulher. A habilidade em cuidar da criança seria um ‘dom’ com o qual que as mulheres nascem (Miranda, 2003, p. 100).

Como aponta Santos (2021), não é suficiente apenas incluir professores homens nas instituições como estratégia de equidade, visto que é preciso promover o debate sobre as diferenças e combater os preconceitos de forma intencional e contínua. O autor defende que:

Para combaterem-se preconceitos baseados nas representações de gênero, não basta somente assegurar a presença de professores homens na educação e nos cuidados desenvolvidos no âmbito da Educação Infantil; não basta ser homem ou mulher, pois, para além da condição humana, é necessário que o respeito às diferenças — de qualquer natureza — seja uma discussão permanente (Santos, 2021, p. 15).

Evidencia-se que o problema não está apenas na ausência física dos homens na Educação Infantil, mas na ausência de uma cultura que valorize a diversidade de gênero e promova relações igualitárias desde a infância, sendo preciso reconhecer que o preconceito

contra homens na docência de crianças pequenas não vem apenas de uma visão estereotipada, mas de um medo real e enraizado socialmente, que associa o masculino ao risco e à ameaça. E mesmo quando aceitos por seus colegas e pelas famílias, os professores homens são vistos como “pares-dísparos”, sempre vigiados e analisados por suspeitas relacionadas à sexualidade ou à moral (Santos, 2021). Logo, a ausência de homens no magistério pode estar ligada à cultura que os reprime e os ridiculariza por escolherem essa profissão. Sendo assim:

[...] a partir do momento em que se abrem as portas para o homem começar a assumir essa responsabilidade, estaremos contribuindo para a formação de um novo ideal de masculinidade, aquele que diz respeito ao fato de que é possível, sim, um criança receber cuidados , educação, carinho e atenção de um professor homem, e que, mesmo ainda sendo alvo do preconceito, a tendência é que no futuro esse profissional venha somar, cada vez mais, de forma positiva na educação infantil (Silva; Martins, 2016, p. 21).

Por conseguinte, é fundamental que a formação de professores e os projetos pedagógicos das instituições abordem ativamente as questões de gênero, desmistificando os papéis sociais impostos.

Homofobia: do estereótipo ao preconceito

Além das barreiras relacionadas à masculinidade, professores homens na Educação Infantil frequentemente enfrentam preconceitos que associam automaticamente sua presença à homossexualidade, mesmo quando não se identificam como LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e Não-binários). Essa associação se configura como um estigma social, reforçando a ideia de que a docência infantil seria incompatível com a identidade masculina “heteronormativa” e colocando o docente sob vigilância constante (Ramos, 2017). Tal percepção evidencia como os preconceitos de gênero e orientação sexual se cruzam, transformando estereótipos em pré-conceitos que afetam a atuação, a autoestima e a permanência desses profissionais no campo educacional. Sendo assim, entende-se que:

[...] se o professor for homossexual, além do medo de o professor abusar de alguma criança, há ainda, por parte de alguns, o receio de que o professor possa influenciar negativamente os alunos, principalmente meninos, adquirirem os hábitos do professor e então correr o risco de “virar gay” como é dito no senso comum. Trata-se de uma visão equivocada, pois a homossexualidade não é uma opção ou escolha (Oliveira; Finco, 2020, p. 586).

Segundo os autores, esses estigmas não apenas reproduzem ideias que induzem ao erro sobre a orientação sexual dos professores, mas também reforçam a exclusão e a vigilância constante sobre homens na Educação Infantil, que contribui para limitar a participação masculina, impõe barreiras à atuação pedagógica e fortalece a ideia de que determinados espaços de cuidado e educação seriam “inapropriados” para homens, independentemente de sua competência ou comportamento profissional (Oliveira; Finco, 2020). Ao associar a ideia de que o homem é “gay” e por estar no ambiente com crianças, tem-se o pressuposto de ele representar uma ameaça ou de influenciar negativamente os alunos, bem como de querer aproveitar da inocência e da fragilidade das crianças, para cometerem abusos ou violência, por serem considerados “mais propensos” a esse tipo de atitude (Machado; Gonçalves, 2022).

No entanto, a atuação e inserção de professores homens na Educação Infantil, independentemente de gênero ou orientação sexual, deve ser acolhida e valorizada, pois o que realmente define a competência de um profissional é a sua prática pedagógica, o cuidado, o comprometimento e a forma como estabelece relações significativas com as crianças, seja ele homem ou mulher.

A presença masculina no ambiente educativo também contribui para a desconstrução de estereótipos de gênero, demonstrando que o cuidado e a educação não são responsabilidades exclusivas das mulheres, mas um compromisso compartilhado por todos. Ademais, os homens pedagogos podem servir como figuras de referência positiva para muitas crianças, especialmente aquelas que podem não ter modelos masculinos presentes em suas vidas pessoais. Ao exemplificar qualidades como empatia, paciência e gentileza, esses educadores ajudam a moldar percepções e atitudes mais inclusivas e igualitárias entre as crianças. A inclusão de homens na educação infantil é, portanto, um passo importante para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ela permite que as crianças cresçam em um ambiente onde a diversidade é valorizada e onde todos têm a oportunidade de desenvolver plenamente suas capacidades e potencialidades (Silva, 2024, p. 34).

Com isso, a atuação do professor homem não deve ficar limitada a essas suposições preconceituosas, mas a partir da sua práxis, em que a presença do professor homem não deve ser reduzida, mas compreendida a partir de sua prática cotidiana, revelando responsabilidade, sensibilidade e habilidade para interagir com as crianças em diferentes contextos. Assim, ao romper barreiras culturais e dar lugar a diversas formas de atuação, a Educação Infantil se enriquece, deixando claro que o que sustenta um verdadeiro profissional é a postura ética, o envolvimento e a capacidade de criar aprendizagens significativas, não seu gênero e sua orientação sexual.

Relatos de preconceito com docentes homens na Educação Infantil

Ao analisar alguns vídeos do *TikTok*, buscou-se reunir relatos que revelam diferentes experiências e percepções, permitindo compreender de maneira mais evidente como homens têm participado do cotidiano da Educação Infantil, e esses relatos ajudam a enxergar não apenas os desafios enfrentados, mas também as possibilidades de atuação que se abrem quando a presença masculina ganha espaço nesse nível de ensino. Foi possível notar, por meio das falas, que os desafios vão além da rotina na escola, trazendo à tona sentimentos como desconfiança, solidão e julgamentos o tempo todo. A seguir, apresenta-se a experiência de um professor que dialoga com os autores estudados sobre os estigmas de gênero e os obstáculos que ainda afastam os homens desse espaço.

Relato 1

No relato, percebe-se o quanto é difícil para um homem ocupar o espaço da educação infantil sem carregar um peso extra, que não está no plano de ensino, mas nos olhares e nas suposições que vêm de fora. Quando o professor diz que “fala-se de dor, mas não é dor física” (Institutojosefilho, 2023), revela que é o desconforto de quem sente que precisa provar o tempo todo que pode estar ali, cuidando, ensinando e se envolvendo com afeto. Mostra-se como os estigmas de gênero ainda são fortes nesse campo e como é comum sentir que a presença masculina precisa sempre ser justificada, como se fosse algo fora do esperado ou até mesmo indesejado (Santos, 2021). O que mais chama atenção é quando se diz que é preciso “viver e sobreviver” nesse espaço, como se estar ali fosse um ato de resistência diária. Essa fala mostra que o preconceito não vem só das famílias, mas também da sociedade que criou a ideia de que cuidar de crianças pequenas é função exclusiva das mulheres e mesmo tentando exercer a profissão com amor, cuidado e responsabilidade, parece que o reconhecimento nunca é inteiro, como se sempre tivesse uma dúvida ou uma desconfiança sobre a atuação de quem ocupa esse lugar sendo homem (Silva, 2016; Santos, 2021).

Também se destaca o apelo por mais acolhimento, como se dissesse que o problema não é ser homem na Educação Infantil, mas não ser aceito como alguém que cuida com verdade. Dizer que “a educação infantil está doente” é uma metáfora forte, que mostra como a exclusão e o julgamento limitam o espaço que deveria ser de afeto, segurança e aprendizado (Silva,

2016). Torna-se evidente que ainda é preciso romper muitas barreiras para que todas as crianças possam conviver com diferentes referências e formas de cuidado, independentemente de quem cuida.

Relato 2

O relato mostra de forma direta os preconceitos vivenciados pelos homens na Educação Infantil, como quando menciona: “Ai, meu Deus, contrataram um homem agora para trabalhar na creche, mas que absurdo é esse?” e ainda “Na minha filha ele não vai encostar!” (Codello, 2024) e esse tipo de reação evidencia a naturalização do cuidado como algo exclusivamente feminino, o que corresponde ao afirmar que a docência infantil é associada ao “dom feminino” do cuidar (Miranda, 2003). Nesse sentido, percebe-se como a masculinidade hegemônica deslegitima homens que atuam nesse espaço, sendo compreendidos como “masculinidades subordinadas” (Araujo; Hammes, 2015), justamente por se afastar do ideal do provedor forte e distante do cuidado, ao demonstrar que o preconceito não se limita a opiniões isoladas, mas reflete um padrão cultural de desconfiança e vigilância em torno da presença masculina nas creches.

Destaca que, embora o concurso público assegure igualdade no acesso à carreira, “se os homens passam no concurso, eles vão exercer exatamente as mesmas funções que as mulheres”, mesmo assim “as diretoras e gestoras das escolas optam em deixar esses homens com as crianças maiores” (Codello, 2024). Evidencia-se, assim, como a prática institucional contribui para reproduzir desigualdades, limitando a atuação dos professores homens no cuidado de crianças pequenas, como se fosse um espaço proibido. Pois, não basta apenas permitir a entrada de homens na Educação Infantil, é necessário combater preconceitos de gênero de maneira contínua, criando uma cultura de respeito às diferenças (Santos, 2021) e que dialogue com a ideia de preconceito como uma opinião sem base objetiva, que sustenta julgamentos desfavoráveis (Priberam, 2025). Nesse caso, se transforma em práticas discriminatórias que limitam a autonomia profissional dos docentes homens e a experiência narrada mostra que o preconceito não é apenas social, mas também institucionalizado.

Outro ponto importante aparece quando o professor reconhece: “Também existe, obviamente, uma preocupação com violência sexual, que não deve ser desmerecida e precisa de toda atenção”, mas acrescenta que “mais de 60% de toda violência sexual contra crianças acontece dentro da própria casa, com irmãos mais velhos, pais e padrastos” (Codello, 2024).

Tal fala desconstrói o mito de que o perigo está no professor homem da creche, quando, na realidade, os dados apontam que a violência ocorre prioritariamente no âmbito familiar. Esse aspecto, que se destaca como a suspeita dirigida a docentes homens, se sustenta em equívocos que associam automaticamente a presença masculina a risco, reforçando a vigilância e exclusão (Oliveira; Finco, 2020).

Por fim, o professor ressalta que “homens trabalhando com crianças oferecem a elas uma outra possibilidade de referência além da feminina”, afirmando que “infelizmente, muitas das crianças que vão para a creche não têm referência masculina na própria casa” (Codello, 2024), sendo um ponto fundamental que evidencia que a presença de homens na Educação Infantil pode ampliar repertórios de afeto, cuidado e convivência para as crianças, promovendo diversidade de experiências. Como afirmam Silva e Martins (2016), ao abrir espaço para o professor homem assumir responsabilidades educativas, contribui-se para a construção de novos ideais de masculinidade, pautados no cuidado e na sensibilidade. Essa reflexão mostra que a inserção masculina na Educação Infantil não deve ser vista como ameaça, mas como uma oportunidade de ampliar horizontes e quebrar estereótipos de gênero que limitam tanto os homens quanto as mulheres. Portanto, o relato do professor não apenas expõe a discriminação enfrentada por homens docentes, mas também reforça a urgência de transformar culturalmente a forma como a sociedade enxerga gênero, cuidado e educação.

Considerações finais

A pesquisa mostrou que, mesmo em tempos de maior debate sobre diversidade, os professores homens na Educação Infantil ainda enfrentam desconfiança, preconceito e olhares de estranhamento, ficando evidente que não basta colocá-los nesses espaços: é necessário criar uma cultura escolar mais aberta, em que as diferentes formas de cuidado sejam reconhecidas. A formação docente precisa discutir mais as masculinidades e desconstruir a ideia de que certos espaços pertencem apenas a um gênero, pois o cuidado é um direito de todas as crianças e um dever de todos os adultos, independentemente do sexo.

A presença masculina na Educação Infantil pode ser positiva e enriquecedora, desde que venha acompanhada de respeito, acolhimento e igualdade, na qual a instituição precisa assumir o papel de educar também para o respeito às diferenças. A atuação dos professores homens não deve ser vista como exceção ou ameaça, mas como uma oportunidade de ampliar as referências

afetivas e sociais das crianças, pois é urgente transformar a desconfiança em diálogo e o preconceito em formação.

Fontes:

CODELLO, Wagner. *Homens Trabalhando na Creche: Importância e Impacto* [vídeo]. TikTok, 2024. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@wagnercodello/video/7370804213636467974>. Acesso em: 31 ago. 2025.

INSTITUTOJOSEFILHO. *Fico a me perguntar por que existe tanto preconceito para a figura masculina na educação infantil* [vídeo]. TikTok, 2023. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@institutojosefilho/video/7503589008258206981>. Acesso em: 11 jun. 2025.

Referências Bibliográficas:

ARAUJO, Messias Pereira; HAMMES, Care Cristiane. A androfobia na educação infantil. *Interfaces da Educação*, v. 3, n. 7, p. 5-20, 2015.

MACHADO, Anderson Esteves; GONÇALVES, Josiane Peres. Professor homem na educação infantil: a orientação sexual influencia o trabalho docente?. *Comunicações*, v. 29, n. 1, p. 89-112, 2022.

MIRANDA, Marcelo Henrique G. *Magistério masculino: (re) despertar tardio da docência*. 2003. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marcelo-Miranda/15/publication/343523074_Magisterio_Masculino_ReDespertar_Tardio_da_Docencia/links/5f2dff9ba6fdcccc43b2eced/Magisterio-Masculino-ReDespertar-Tardio-da-Docencia.pdf. Acesso em: 11 jun. 2025.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. *Cadernos de pesquisa*, v. 44, n.153, p. 720-741, jul./set. 2014.

OLIVEIRA, Vinicius Expedito Mena de; FINCO, Daniela. “Enfrentei muitas tempestades como professor de Educação Infantil”: um debate sobre identidade docente e homossexualidade masculina. *Revista Zero-a-Seis*, v. 22, n. 42, p. 580-604, 2020.

PRIBERAM. *Preconceito*. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam, 2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/preconceito>. Acesso em: 10 jun. 2025.

RAMOS, Clemerson Elder Trindade et al. *Quem tem medo do lobo mau? : inquietações e medos sobre o trabalho do homem na educação infantil*. 2020. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás).

RAMOS, Joaquim. *Gênero na Educação Infantil: relações (im)possíveis para professores homens*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. Homens na docência da Educação Infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças. *Revista Brasileira de Educação*, v. 26, p. 1-18, 2021.

SILVA, Juan Carlos da. “*Por que esse lugar não me pertence?*”: a presença do homem na educação infantil. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba.

SILVA, Júlio Régis da; MARTINS, Viviane Lima. O professor homem na Educação Infantil: um olhar acerca do preconceito. *Revista científica Intr@ ciência*, v. 11, p. 1-23, jun. 2016.

TURATO, Luzia de Fátima. *Tik...Tok... seu despertar como recurso pedagógico na desnaturalização de estereótipos de gênero*. 2022. 127 f. Dissertação de Mestrado Profissional em Mídia e Tecnologia – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/9aba957a-66bd-4a96-962f-9f46fe3e5f03/content>. Acesso em: 4 jun. 2025.